

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E  
ANÁLISE EXISTENCIAL

RENATA BALIEIRO DINIZ TEIXEIRA

**O CORPO COMO SEDE DO EXPRESSIVO: uma proposta de diálogo entre a  
literatura e a Gestalt-terapia**

BELO HORIZONTE  
2019

RENATA BALIEIRO DINIZ TEIXEIRA

**O CORPO COMO SEDE DO EXPRESSIVO: uma proposta de diálogo entre a literatura e a Gestalt-terapia**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Madalena Magnabosco

BELO HORIZONTE  
2019

150  
T266c  
2019

Teixeira, Renata Balieiro Diniz.  
O corpo como sede do expressivo [recursos eletrônico] :  
uma proposta de diálogo entre a literatura e a gestalt-terapia /  
Renata Balieiro Diniz Teixeira. - 2019.  
1 recurso online (25 f. ) : pdf  
Orientadora: Maria Madalena Magnabosco.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em  
Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial -  
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia  
e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia

1.Mecanismos de defesa (Psicologia0. 2.Gestalt-terapia.  
3.Literatura. I. Magnabosco, Maria Madalena.  
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

O CORPO COMO SEDE DO EXPRESSIVO: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO ENTRE A LITERATURA E A GESTALT-TERAPIA

**RENATA BALIEIRO DINIZ TEIXEIRA**

monografia defendida e aprovada, no dia **vinte e três de novembro de 2019**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Maria Madalena Magnabosco - Orientadora  
FAFICH/UFMG

Salette Salles Horta  
Maria Madalena Magnabosco  
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 01 de setembro de 2022.

Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso

Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 01/09/2022, às 12:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 05/09/2022, às 14:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1728122** e o código CRC **86734FFF**.

## **O corpo como manifestação da unidade**

*É no corpo que tudo se manifesta,*

*É por isso que o corpo é uma manifestação do todo,*

*É então a manifestação do todo o primeiro, e é assim que surge a possibilidade, se necessário, de dirigir a atenção a suas partes.*

*O corpo torna visíveis modos, formas, gestos que expressam o vivido e nos permitem considerar o que chamamos subjetiva e metaforicamente de interior.*

*É o nosso quadro amplo para satisfazer nossos desejos,*

*Ou nossa cela estreita cheia de temor.*

*É nossa forma de viver esta dimensão da existência, nosso espelho junto a outros espelhos que nos refletem.*

*É uma vivência que contém e é contida por todas as partes que formam minha totalidade.*

*O corpo cria uma conexão intrínseca entre fora e dentro.*

*Se suja, se limpa; me suja e me limpa, várias vezes.*

*É o mais elevado mestre de temporalidade e permanência.*

*É o símbolo da avidez do ego humano, prazeres e pecados, santidade e luz.*

*O corpo demonstra a loucura, a doçura e a dor.*

*É contato.*

*O corpo chora, ri, copia a si mesmo no maior dos atos de amor.*

*Visão de saúde como experiência de sua unidade, e organização da unidade de que necessitamos para descobrir a forma da saúde.*

*É a loucura da fragmentação, se assim nos tratamos.*

*O corpo é ira, alegria, prazer e calor.*

*O corpo determina se o prazer é eterno ou fruto de um instante.*

*Sou meu corpo.*

**Fernando J. De Lucca, em A estrutura da transformação (2012, p. 207)**

## RESUMO

Partindo de uma compreensão fenomenológico-existencial acerca da corporeidade, temos que o corpo é algo que somos e não algo que possuímos e que é a partir dele que toda experiência do ser-no-mundo se dá, ou seja, o corpo é a sede do expressivo. Buscando ilustrar uma vivência de ser um corpo experimentando suas possibilidades, necessidades e fronteiras, o presente trabalho propõe um diálogo entre a literatura e a Gestalt-terapia, já que a arte literária pode ser uma importante ferramenta de reflexão ao evidenciar percepções, valores, crenças e formas de expressão. Assim, fazendo uso de uma análise literária proposta por Elódia Xavier e de um conto de Nélide Piñon, duas escritoras brasileiras, descrevo nos termos da Gestalt-terapia, o que seria a vivência de um *“corpo refletido”*, referindo-me à Introjeção, uma interrupção na fronteira de contato, assim como o movimento de saída desse bloqueio em direção a um caminho para a cura.

**Palavras-chave:** corporeidade; mecanismos de defesa; gestalt-terapia; literatura.

## ABSTRACT

Starting from a phenomenological existential understanding about corporeality, we have that the body is something that we are and not something that we have, and in that body every possible experience of being in the world takes place, that is, the body is home for the expressive. Seeking to illustrate an experience of being a body that is experiencing its possibilities, needs and boundaries, the following research proposes a dialogue between literature and Gestalt therapy. Since literary art is known to be an important reflection tool in highlighting perceptions, values, beliefs, and forms of expression. Thus, while making use of a literary analysis proposed by Elodia Xavier and a tale of Nelida Piñon, two Brazilian writers, I describe in terms of Gestalt therapy, which would be the experience of a "reflected body", also referring to the Introjection, an interruption in the contact boundary, as well as the output motion of this block toward a path to healing.

**Key-words:** corporeality; defense mechanisms; gestalt therapy; literature.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>9</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
3.1 Corpo e corporeidade .....	10
3.2 Ciclo do Contato.....	13
3.3 Corpo refletido - da introjeção à mobilização.....	16
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS: .....</b>	<b>24</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto fenomenológico-existencial de que o corpo é a sede do expressivo e do encontro sujeito-mundo, proponho neste trabalho uma reflexão sobre a corporeidade enquanto a vivência do corpo que somos em contato com o mundo, experimentando a realidade vivida e descobrindo necessidades e possibilidades, assim como limites e interrupções (REHFELD, 2004; ALVIM, 2011, 2014, 2016, DE LUCCA, 2012).

Para tanto, faço uso da arte literária em conjunto com a Gestalt-terapia por considerar a literatura uma importante forma de expressão artística que possibilita às pessoas a reflexão sobre o seu modo de ver a vida e de estar no mundo e, ainda, que fornece elementos de construção do pensamento social, já que evidencia valores culturais, crenças e percepções de determinado contexto histórico e social (SANTOS, 2012).

Alvim (2014) relembra que boa parte da teoria da Gestalt-terapia foi formulada a partir de categorias usualmente associadas à arte (literatura, música, dança, teatro), já que Fritz Perls, Laura Perls e Paul Goodman, os principais formuladores da Gestalt-terapia, eram profundamente envolvidos com as artes ao longo da vida. Nas artes encontraram uma referência de funcionamento ideal que pode ser estendido para toda atividade humana e oferece uma medida de saúde e doença, guiando a prática da psicoterapia (MILLER, 1980 apud ALVIM, 2014). Sendo, nesse sentido, a terapia mais arte do que ciência, já que vai muito além de uma abordagem associativa e requer intuição e sensibilidade, tal como destacava Laura Perls, segundo Alvim (2014).

Assim, utilizo uma análise literária proposta por Xavier (2007) em que são apresentadas importantes reflexões sobre a representação do corpo em obras escritas por mulheres. A autora seleciona vinte e três romances e contos nacionais, que vão do início do século XX até a contemporaneidade, e se propõe a examinar 10 tipos de corpos do imaginário feminino, partindo de uma visão sociológica. São eles: corpos invisíveis, corpos subalternos, corpos disciplinados, corpos imobilizados, corpos envelhecidos, corpos refletidos, corpos violentos, corpos degradados, corpos erotizados e corpos liberados.

Para o presente trabalho, escolhi o conto *Finisterre* de Piñon (1980), um dos textos utilizados por Xavier (2007) para descrever o que chama de “*corpo refletido*”. A partir da narrativa de Néida Piñon, busco compreender, pela Gestalt-terapia, o estilo de contato que a personagem experimenta sendo, o que Elódia Xavier denomina, “*corpo refletido*”.

## **2 METODOLOGIA**

Tomando como objetivo nesta pesquisa descrever o mecanismo de defesa gestáltico da Introjeção e como se dá o movimento de saída desse bloqueio, foi escolhido um método qualitativo fenomenológico e realizada, para tanto, uma revisão bibliográfica e fichamentos para a organização e produção do texto. Além disso, proponho um diálogo entre a Gestalt-terapia e a literatura a partir de uma análise literária que subsidia a descrição do bloqueio de contato que foi objeto da investigação proposta.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Corpo e corporeidade

Tal como aponta Alvim (2016), mesmo não havendo na literatura fundadora da Gestalt-terapia uma definição do conceito de corpo, é possível seguir pistas deixadas nas obras pioneiras, principalmente, nos raros escritos de Laura Perls que indicam um caminho possível de compreensão e trabalho a partir disso. A autora aponta duas principais pistas que vem compondo seu arcabouço para abordar corpo e corporeidade em Gestalt-terapia, quais sejam: 1) a noção organísmica de que falar sobre corpo exige compreendê-lo em interação com o ambiente, pois é como corpo que habitamos o mundo, afetando e sendo afetados, ou seja, fazendo contato; 2) *awareness*, sentimento e comportamento motor estão integrados em um todo a cada contato que estabelecemos e que aparece em forma de movimento. A autora se refere ao *awareness* como “um tipo de consciência pré-reflexiva, perceptiva, que envolve sentir, excitação e formação de *Gestalten* no campo” (p.31).

Dessa maneira, a concepção gestáltica de corpo não se limita à dimensão material de um corpo biológico, pois leva em consideração a vitalidade do corpo que se movimenta em direção à criação de novas formas de ser e de encontrar o equilíbrio, como todo organismo vivo (ALVIM, 2016).

Rehfeld (2004) apresenta o corpo sob a visão de alguns fenomenólogos que fundamentam sua prática em reflexões propostas por filósofos fenomenológico-existenciais, tais como Kierkegaard, Dilthey, Nietzsche, Husserl, Heidegger, Buber, Sartre e Merleau-Ponty.

O autor inicia esclarecendo que o corpo ao qual se refere não é um corpo material, em sua natureza física, objéctica e inanimada. Não está ligado à ideia de corpo do termo grego “sarx” ou do latim, “corpus”, ou ainda do alemão “körper”, e sim, a um corpo como fenômeno, vivo, dotado de sentimentos e emoções, do grego “soma” ou do alemão, “leib”.

Relembra que a separação entre corpo e alma feita desde Platão e reafirmada pelas diferenças entre objetividade e subjetividade propostas por Descartes, direcionou e fragmentou a apreensão de mundo da Psicologia. Assim, enfatiza que a fenomenologia irá resgatar o que foi separado (pensamento e sentimento, corpo e alma, objetividade e subjetividade), propondo um olhar sobre a

qualidade da experiência inteira, com o outro, no mundo, descrevendo o vivido, inclusive, antes que este seja tematizado e refletido.

Qualquer apreensão de mundo é dada pelos sentidos do corpo que “somos” e não adquirida por um corpo que “temos”, pois ao pensar um corpo que tenho, imediatamente produzo uma cisão em quem sou. Dessa forma, a fenomenologia se interessa pela descrição da “qualidade de nossa relação com o mundo através do corpo que somos, pois é através dele que se dá todo contato e reconhecimento do mundo” (REHFELD, 2004, p.4). Propõe assim, que olhar para um corpo físico, material, orgânico ou fisiológico seja insuficiente, não bastando descrever as coisas mesmas, mas sendo necessário descrever o nosso olhar sobre elas.

Ao falar sobre corporeidade, a fenomenologia se propõe não apenas a “descrever um corpo, mas sim a qualidade e os significados de uma experiência, que esteja intimamente relacionada com este corpo” (REHFELD, 2004, p.4).

Alvim (2011), também adotando uma perspectiva fenomenológica, aponta que a noção de corpo ocupa um lugar importante na obra de Merleau-Ponty, que destaca o problema do dualismo entre mente e corpo e da oposição entre consciência e corpo, intelectualismo e empirismo. O filósofo coloca o corpo como um existencial, categoria transcendental, matriz, lugar de onde sujeito e objeto emergem e propõe olhar não para a realidade corpórea em si, mas para o modo de ser-no-mundo, um retorno ao mundo da experiência. Dessa forma, o corpo não é compreendido como máquina ou como um receptáculo da consciência, e sim como sede do encontro entre sujeito e mundo.

Segundo Alvim (2011), Merleau-Ponty discute o entrelaçamento de um corpo objetivo e um corpo fenomenal como dimensões de uma totalidade. Um corpo objetivo que habita o mundo numa co-presença entre as coisas, visível, tangível e que pode ser sentido, enquanto que também é sentiente, vidente e movente enquanto corpo fenomenal. Dimensões que não se opõem e permitem, ao mesmo tempo, a experiência da interioridade de uma exterioridade e a exterioridade de uma interioridade, do “eu corpo” e do “meu corpo”.

Nesse sentido, a experiência da corporeidade seria ação no mundo, a experiência vivida do corpo que somos em contato com o mundo, um corpo que não apenas está em um espaço, mas um corpo que é no espaço, um campo perceptivo-prático que dá à existência um sentido de possibilidade, um “eu posso” que se contrapõe ao “eu penso” priorizado pelo primado da racionalidade, da consciência

reflexiva. A Gestalt-terapia resgata a dimensão pré-reflexiva e corporal da experiência, busca a presença, o movimento, as sensações e a expressão (ALVIM, 2011, 2016).

De Lucca (2012) também parte da compreensão de que não se tem um corpo, se é um corpo. Nesse sentido, o corpo não é algo que possuímos, é algo que somos. Experiência direta, constante e cotidiana, fonte de informação, de contato, de expressão do todo, de contextualização, pois quando se diz que o humano é um corpo, tal afirmação se refere ao todo que se é.

Segundo este autor, o corpo é referência biológica na relação com o mundo, demanda cuidados, alimentação e contato (calor e afeto) e foi pela leitura da natureza corpórea do humano que se deu nossos primeiros conhecimentos sobre o funcionamento de tudo ao redor. É o corpo que propicia que o ser experimente o ambiente e a realidade vivida. Corpo é fonte inesgotável de possibilidades, toda ação é corpo e vice-versa. A esse fenômeno de experimentação das fronteiras psicocorporais como contato, expressão e movimento, damos o nome de corporeidade.

A dimensão corporal, se valorizada corretamente, oferece uma maneira impar de autopercepção e profundo respeito pela unidade interna de cada ser e dele para com o outro que se manifesta diferentemente e que sempre pode ensinar. Ao mesmo tempo em que a dimensão corporal evidencia a diversidade humana, também revela que o homem é parte de uma comunidade. O corpo mostra que é experimentando-o, como um fenômeno presente, que se chega a percepções sobre o que se é e o que pode ser feito em variadas dimensões do indivíduo (DE LUCCA, 2012).

Sobre a Gestalt-terapia, o autor afirma que “trabalha a partir do corporal e com ele [...] O corporal permite ver como os movimentos e as expressões irrompem.” (p.204). Busca-se a autenticidade como propósito básico da Gestalt-terapia e para tanto é necessário transformar o ver em olhar, o ouvir em escutar, o tocar em contato, o sentir o gosto em discernimento e o cheirar em direcionar. Todos os sentidos, principalmente, o paladar e o olfato, são depositários de uma memória permanente e atemporal e “remetem ao desenvolvimento e cuidado para com a vida desde e para o corpo” (p. 200). Pois, é no corpo que as histórias residem, é nele que está toda a memória da existência. Um movimento, um cheiro, uma sensação, em

dado momento do fluxo entre figura e fundo e em coerência com a autorregulação orgânica, podem despertar uma memória corporal no momento preciso.

Quando afirma que “o corpo é fruto de cuidados e sede do expressivo” e, ainda, que “o corpo sempre encontra uma saída ou um modo de resolver” (DE LUCCA, 2012, p.200) podemos compreender por que é que a Gestalt-terapia estimula a expressão. O gesto denuncia como estamos vivenciando internamente algum fenômeno, por mais insólito, profundo, irremediável e não verbalizado que seja. Trabalhar o corporal estimula a criação e a ampliação de consciência. Um movimento, um gesto, uma expressão normalmente, geram mais *awareness* do que muitas palavras.

Ainda para De Lucca (2012), no fenômeno corporal, e por meio dele, é possível observar o que acontece, ter uma “prova” visível, palpável e de experiência direta. A corporeidade não deixa dúvidas sobre as necessidades do organismo. O corpo é também, uma clara demonstração da impermanência, já que o aspecto mais certo da existência humana é a finitude. Essa consciência da impermanência é importante para que se possa estabelecer um percurso saudável que contemple a unidade e o todo que cada organismo é.

Se as manifestações corporais são negligenciadas, a sintomatologia se torna ainda mais explícita, já que há acúmulo de energia na necessidade de satisfação e fechamento, formando uma *gestalt* inacabada. O corpo revela o quão envolvido o organismo está em determinado problema, pois a autorregulação orgânica é responsável por promover (ou congelar) a fluidez energética. O impedimento dessa fluidez se dá por *gestalten* inacabadas que residem na consciência corporal, ou seja, tudo o que não é resolvido apresenta, devido à unidade do organismo, uma manifestação corporal (DE LUCCA, 2012).

Dessa forma, a seguir, busco descrever alguns conceitos, explicitando como se dá o ciclo do contato na Gestalt-terapia e suas possíveis interrupções.

### **3.2 Ciclo do Contato**

Ribeiro (2017) relembra que o ser humano é um ser de relação e que é apenas pelo contato com o outro que pode se perceber como existente. “Viver é estar em contato [...] Contato é emoção experienciada, é movimento à procura de

mudança, é energia que transforma, é vida acontecendo, é consciência dando sentido à realidade” (p.11).

Alvim (2016) afirma que “a existência é contato” (p.27) se referindo ao fato de que a existência é movimento temporal que acontece no encontro pessoa-mundo e essa relação compõe um campo onde acontece a geração espontânea de formas. Tais formas seriam os sentidos produzidos naquela situação, sempre expressos corporalmente por meio de gestos, expressão facial, olhar, uma palavra ou o silêncio prolongado.

Ao falar do conceito de campo, Ribeiro (2017) aponta que o campo é o lugar do contato, onde os seres em relação podem se reconhecer e se distinguir. E para o autor, o primeiro e mais importante campo é o nosso corpo, nosso espaço vital, nossa totalidade orgânica. Portanto, o corpo é sujeito e objeto do contato, campo onde tudo começa e termina.

De maneira complementar, De Lucca (2012) define o corpo como a manifestação da “unidade do humano” e a forma mais evidente da conexão entre o ser e a fronteira de contato. Essa “unidade do humano” seria o *Self*, descrito por Perls, Hefferline e Goodman (1951) como um sistema de contatos e de respostas (ajustamentos criativos) que sente (função Id do Self), age (função Ego do Self) e pensa (função Personalidade do Self), se reconhecendo como “si mesmo” no contato com o “outro” e consigo mesmo. Dessa forma, constatamos que a construção do “eu” é relacional, processual e consciente e qualquer interação e diferenciação se dá no que chamamos de fronteira de contato.

O mundo convida o organismo a experimentar para satisfazer suas necessidades e a maneira como cada um se relaciona, configura como se dá o contato por meio dessa fronteira criada entre o ser e o mundo. É a corporeidade que cria a fronteira e a construção dela é resultado de muitos fatores, dentre eles destaca-se o quão rígida ou permeável ela é, sempre em relação às necessidades que emergem como figura no presente. É na fronteira que ocorre toda a mudança ou onde a resistência à mudança acontece (DE LUCCA, 2012).

Ribeiro (2017) destaca que fronteira é um lugar privilegiado do encontro das diferenças, onde se concentram energias de proteção e transformação e é no campo e a partir da fronteira de contato que há o reconhecimento e a nomeação das necessidades do organismo, onde a relação eu-mundo acontece e o encontro eu-tu torna-se possível, assim como a assimilação sobre quem sou. Partindo dessa



perspectiva, o autor apresenta um modelo de ciclo de contato para pensar a psicopatologia dos sintomas em que sugere que os mecanismos de defesa seriam bloqueios ou perturbações de fronteira. Dessa forma, compreender as interrupções serviria como diagnóstico enquanto que compreender o movimento em direção à mudança evidenciaria a saúde e indicaria um prognóstico com fatores de cura.

De maneira semelhante, Spangenberg (2007) nos convida a sair do que denomina de “lógica da doença” e nos orientar pela lógica da saúde, considerando que os mecanismos de defesa podem também ser estilos de contato, ou seja, não são bons ou ruins em si mesmos, dependem de como estão sendo utilizados pelo organismo. Ao falar do ciclo de contato gestáltico, este autor propõe uma reflexão sobre os ciclos da vida, onde tudo nasce, desenvolve-se, morre e volta a nascer numa permanente construção e destruição de formas (*gestalten*).

Ribeiro (2017) apresenta um ciclo de contato dividido, didaticamente, em três sistemas de funcionamento, iniciando na função sensório-afetiva do Self (Id), passando pela função motora do Self (Ego) e chegando à função cognitiva do Self (Personalidade) com nove bloqueios de contato e seus respectivos fatores de cura, quais sejam: Id - Fixação e fluidez, dessensibilização e sensação, deflexão e consciência; Ego - introjeção e mobilização, projeção e ação, proflexão e interação; Personalidade - retroflexão e contato final, egotismo e satisfação e confluência e retirada.

Já Spanenberg (2007) propõe um ciclo da energia, da experiência ou do contato fazendo referência às energias do Tao - yang (masculina) e yin (feminina) - localizando a sensação, o dar-se conta I, a mobilização da energia, a ação e o contato na primeira parte do ciclo que apresenta características yang, com energia dirigida para a ação e, a partir do contato, passando pelo fechamento, pela retirada e pelo dar-se conta II até chegar novamente à sensação seria a segunda parte do ciclo que apresenta características yin, com a energia voltada para a assimilação ou elaboração da experiência vivida. O autor aponta que interrupções no ciclo seriam impedimentos da fluidez da experiência e resistências à lei da mudança que rege a vida e indica seis mecanismos que seriam os principais responsáveis por essas interrupções: projeção, introjeção, retroflexão, deflexão, confluência e egotismo.

Visando compreender qual seria o estilo de contato experimentado no conto *Finisterre* de Nélide Piñon (1980) que foi descrito por Xavier (2007) como um “*corpo refletido*”, proponho a seguir um diálogo entre a literatura e a Gestalt-terapia.

### 3.3 Corpo refletido - da introjeção à mobilização

Xavier (2007) parte de uma visão sociológica, com particular ênfase nas contribuições de Elizabet Grosz e Arthur Frank, para realizar uma análise literária. Entretanto, apresenta pressupostos semelhantes aos que aqui proponho, por exemplo, ao iniciar sua reflexão apontando que através da história da humanidade, os conceitos sobre o corpo foram indicando as características do pensamento filosófico que sempre privilegiou a mente em detrimento do corpo. Destaca também, o dualismo de Descartes que instituiu dois tipos de substâncias: *res cogitans* (mente) e *res extensa* (corpo), sendo elas distintas e mutuamente exclusivas. Assim, para ela, o pensamento cartesiano teria influenciado sobremaneira a concepção contemporânea ocidental sobre o corpo, tratado como objeto nas ciências naturais, como um veículo de expressão ou um instrumento à disposição da consciência, sendo que em todos os casos haveria uma desvalorização social do corpo.

A autora recusa o dualismo mente/corpo e propõe o entendimento de que o corpo não tem interior e exterior, já que essas faces interagem numa relação complexa e mútua. Tal compreensão corrobora ao pensamento fenomenológico-existencial sobre corporeidade proposto neste trabalho, que ela denomina de *subjetividade corporificada* e *corporalidade psíquica*. Afirma ainda, que o corpo deve ser considerado em sua dimensão histórica mais do que do ponto de vista simplesmente biológico e aponta-o como lugar de inscrições, contestações e produções sociais, sexuais, econômicas, políticas, culturais, geográficas e intelectuais.

Dessa forma, Xavier (2007) apresenta uma análise literária sobre o corpo no imaginário feminino a partir da narrativa de escritoras brasileiras. Divide seu livro em 10 conceitos de corporalidade: corpos invisíveis, corpos subalternos, corpos disciplinados, corpos imobilizados, corpos envelhecidos, corpos refletidos, corpos violentos, corpos degradados, corpos erotizados e corpos liberados.

Pela perspectiva da Gestalt-terapia, esses tipos de corpos podem ser entendidos como os modos de expressão do ser-no-mundo a partir da fronteira de contato. Pois, tal como define De Lucca (2012), o corpo é a sede do expressivo, ou ainda, de acordo com Alvim (2011), a partir de Merlau-Ponty, o corpo é origem, experiência expressiva no e do campo e, deste modo, a Gestalt-terapia seria uma clínica da experiência que visa ampliar a capacidade de *awareness* a partir desse

corpo que sente, se excita e vibra com a novidade e a diferença percebidas pelo contato com o mundo e com o outro. Ao falar da corporeidade como suporte do contato, Alvim (2016) aponta que é como corpo que posso perceber as necessidades dominantes no campo, sentir, me orientar e movimentar para manipular a situação e retomar o equilíbrio e a integração, assimilando a novidade.

Ao abordar o que denomina “*corpo refletido*”, Xavier (2007) apresenta a história de Carina do romance *A sombra das vossas asas* escrito por Fernanda Young e o conto *Finisterre* do livro *O calor das coisas*, de Nélide Piñon.

Busco então, compreender o estilo de contato que a personagem de Nélide Piñon experimenta nesse conto propondo um diálogo entre o conceito de “*corpo refletido*” apresentado por Xavier (2007) e os ciclos do contato propostos por Ribeiro (2017) e Spanenberg (2007) sob o referencial fenomenológico-existencial da Gestalt-terapia.

O termo “*corpo refletido*” utilizado por Xavier (2007) vem do ensaio de Arthur Frank intitulado *For a sociology of the body: an analytical review* e se refere a abertura do sujeito para o mundo exterior, sendo que sua relação com o mundo é monádica, ou seja, voltada para si, com objetivos que se constituem em si mesmo. A autora descreve o “*corpo refletido*” como previsível, alienado e carente de referências externas, pois consome, sem limites, os objetos de fora e reflete aquilo que está ao seu redor, não existindo realidade fora do reflexo emitido por este corpo. Acrescenta ainda que o “*corpo refletido*” é alimentado por uma cultura do consumo que dita ideais e estimula o “sempre mais”.

Para a Gestalt-terapia, tais características se referem ao mecanismo de defesa da Introjeção. Spanenberg (2007) descreve introjetar como “o ato pelo qual tomamos algo, que originalmente pertencia ao meio, e o introduzimos em nosso ser” (p.60), podendo servir como um recurso relacional para que nos alimentemos física, emocional, psicológica e espiritualmente, ou seja, introduzimos algo em nosso organismo e em seguida o assimilamos para que possamos crescer com aquilo. Muitas vezes, há um bloqueio na capacidade de deixar entrar aquilo que nos nutre seja do ponto de vista material, como um alimento ou abstrato, como o conhecimento de um livro ou um afeto recebido. E também, há o aspecto limitador da Introjeção quando introduzimos algo do meio sem assimilá-lo ou digeri-lo, deixando, dessa forma, o material introjetado “autônomo”, ocupando um espaço e diminuindo nossa liberdade e consciência. Bons exemplos disso são as premissas

familiares e os preconceitos. Muitas vezes, essas premissas se opõem às nossas necessidades e geram uma espécie de “conflito de interesses”, causando sofrimento ao organismo. Nesse caso, percebemos, no ciclo do contato, que o introjetor, sente e se dá conta de uma necessidade, mas interrompe o fluxo de energia antes de conseguir mobilizar energia para agir, mantendo-se dessa forma, apenas refletindo aquilo que introjetou do meio, sem um movimento autêntico de construção de si.

Para Ribeiro (2017), na Introjeção há uma interrupção do contato logo no início do sistema motor de funcionamento humano, caracterizando um processo no qual a pessoa obedece e aceita normas, valores e opiniões dos outros, engolindo coisas sem querer e sem conseguir defender seus direitos por medo da própria agressividade ou da agressividade alheia. Este autor defende que nesse caso, há contato com a sensação e consciência sobre sua necessidade, há desejo de mudar, mas também medo e, portanto, preferência por rotina, simplificações e situações que pareçam mais controláveis.

As duas narrativas apresentadas por Xavier (2007) para tratar do “*corpo refletido*” se distinguem pela natureza dos bens consumidos. No romance de Fernanda Young, a personagem empreende uma busca incessante pela perfeição estética, enquanto que Néida Piñon descreve em *Finisterre* uma personagem que retorna à Galícia, ilha “de onde saíra pequena e à qual retornava agora em busca de suas raízes” (XAVIER, 2007, p.116), ávida por reencontrar-se com suas origens, fazer contato com a cultura de sua família, consumindo tudo que lhe era apresentado por seu padrinho, tal como ilustra o trecho em que diz: “Eu mastigava homens, mulheres, crianças, para não esquecer-los” (PIÑON, 1980, p.84).

*Finisterre* traz um enfoque na alimentação, o que nos apresenta uma boa metáfora para a Introjeção: “Com os olhos cerrados mastiguei a carne, garanti-lhe a sobrevivência na memória. Pelo resto da vida hei de cantar esta carne, padrinho. Ele apreciou que também eu tivesse recebido a educação que identificava os sumarentos detalhes cultivados por eles” (PIÑON, 1980, p.82).

Xavier (2007) aponta que “a protagonista suga, devora numa ânsia de incorporar as tradições, as referências culturais” (p.116), deixando evidente seu esforço “para guardar na memória sabores, cheiros, presenças humanas, que vão lhe garantir longevidade, não no sentido de vida longa, mas de permanência das tradições” (p.117). Na perspectiva do “*corpo refletido*”, percebemos que a protagonista passa a refletir o que está a sua volta, conforme se abre para o mundo

exterior e busca se apropriar dele, assimilando os objetos através do consumo. A voracidade com que consome tudo o que lhe é apresentado, no afã de conservar na sua memória, evidencia o desejo de tornar o objeto parte de si mesma e assim, o objeto seria o espelho no qual o corpo é refletido.

Percebemos ao longo do conto que a protagonista vai fazendo um movimento de apropriação de si a partir do contato com sua origem. Inicialmente, ela realiza uma imersão guiada por seu padrinho sem que tivesse muita autonomia sobre suas experiências, como se “mergulhasse na nova terra através da sua sabedoria” (PIÑON, 1980, p.79). Em outros trechos reafirma um lugar de passividade diante dos direcionamentos do padrinho: “Em casa, me fez servir o café. Traguei como se fosse suor” (p.79), “Pedi ao padrinho que me explicasse a mim mesma” (p.80) e ainda, “Vamos agora almoçar, ele comandou” (p.80), “Visitemos agora os que se aprontam para morrer” (p.84) e “Em cada homem que morria eu presenciava a minha morte” (p. 87). Aí percebemos o que Ribeiro (2017) considera a frase de efeito da Introjeção como bloqueio de contato: “Ele existe, eu não” (p.61).

No entanto, desde o início ela também dá sinais de uma potencial mobilização, por exemplo, quando o padrinho diz que ainda pequena ela demonstrava desejar acompanhar seu destino onde quer que fosse ou quando ela responde ao padrinho que fique tranquilo que quando ele não estiver mais vivo para salvá-la que ela salvar-se-á “à custa dos próprios escombros” (p.80) e, ainda, quando se descreve como “uma brasileira aflita com as trilhas do mundo. Assim, até um centolho ameaça o meu futuro, força-me à vigília, ensina-me a honra e a incerteza ao mesmo tempo” (p.82).

Ribeiro (2017) nos apresenta um ciclo do contato com dois movimentos, sendo um dos bloqueios ou perturbações de fronteira e o outro da saúde, indicada por fatores de cura. Tais movimentos ora se encontram como opostos, ora como complementares e ora como aproximações. Ao mesmo tempo em que o ciclo apresenta um diagnóstico onde o contato se interrompe, indica um prognóstico na direção da mudança. O autor aponta que a psicoterapia não tem, necessariamente, a ver com a cura, mas sim com a mudança que pode levar à cura. “Mudar significa ressignificar coisas, pessoas e, sobretudo, a própria existência.[...] Este processo de mudança ocorre em três níveis: sensório, motor e cognitivo” (p.35). No contato pleno, essas três funções se juntam num movimento dinâmico e consciente, produzem bem estar e o sujeito pode fazer uma escolha real por si mesmo.

Conforme transcorre sua visita à ilha e seu contato com as comidas, as pessoas e outros elementos da cultura e da sua família, a personagem percebe alguns incômodos e inicia sutis questionamentos, evidenciando seu movimento em direção à assimilação da experiência, onde pode selecionar o que absorver e o que descartar do que o meio lhe apresenta.

Mobilização seria o fator de cura da Introjeção, o “processo através do qual sinto necessidade de me mudar, de exigir meus direitos, de separar minhas coisas das dos outros, de sair da rotina, de expressar meus sentimentos exatamente como sinto e de não ter medo de ser diferente” (RIBEIRO, 2017, p.60).

Os seguintes trechos do conto demonstram o início de seu contato consciente, dando-se conta de suas sensações e preparando-se para mobilizar energia para agir: “De que serve o futuro povoado de retratos amarelos?” (p.85); “Obedeci sem lhe confessar o quanto temia [...] Tais palavras feriam-me o coração [...] Sem dúvida, ele me provocava. E se era herdeira daquele homem, precisava enfrentá-lo do mesmo modo como ele disputava com a vida o direito de reformá-la” (p.87); “Inquieta, pensei, acaso me quer aplaudindo o espetáculo de uma cultura a que não posso pertencer, e isto porque vim de muito longe?” (PIÑON, 1980, p.88).

É pelo corpo que a atualização da consciência do mundo material se dá. O corpo informa sobre os limites e consequências nas decisões tomadas em relação ao que está “fora”. Isso se dá pelas fronteiras de contato que permitem que o organismo considere o que há para ser vivido. O organismo vive rodeado por um mundo a ser conhecido e diferenciado, assimilado e transformado (DE LUCCA, 2012).

A personagem de Piñon (1980) continua seu processo de mobilização - “Olhei o padrinho severa, para ele ao menos entender o quanto me ultrajava [...] O padrinho continuava a exigir sorrisos. Eu não sabia se lhe mostrava dentes rijos que arrancaram outrora a carne [...] ou exibia-lhe os lábios cerrados, um grave muro de silêncio” (p.89) – até que mobiliza energia suficiente para deixar fluir sua necessidade de se separar do meio e de se expressar, sem medo de ser o que faz sentido para ela: “Eu me entregava àquela orgia disposta a mudar a minha vida, que vida, afinal. A vida que herdei, a vida que fabriquei, a vida que me impuseram, a vida que não terei, ou a vida proibida, que não está na casca da pele, mas na pele íntima do sangue?” (p.89/90); “Ansioso em fixar-nos para a eternidade, o padrinho impunha-me a memória e a crença do seu povo [...] Então, deixei o quarto sem olhar

para trás, ou consultá-lo. [...] Protestei firme, se não me inventa outras narrativas” (p.90).

O conto se encerra, então, com a constatação da protagonista de que se nutriu da visita, estava mais rica após se fartar do contato com sua cultura, mas que era hora de partir e não ceder aos convites para que ficasse mais: “Soube então que a visita estava terminada. Ainda que novos amigos chegassem trazendo os esplendidos frutos da ilha. [...] Aquela ilha era encantada, foi meu último pensamento depois que a distância nos separou para sempre” (PIÑON, 1980, p.91).

Dessa forma, constatamos que é necessário nos alimentarmos, às vezes nos fartar e nos misturar ao alimento para resgatarmos prioridades, preferências e diferenciações. Aqui, vemos o alimentar-se como o resgate da interioridade, o contato com a origem e o ir embora como a apropriação de si, a digestão que permite outras possibilidades. Assim, nesse movimento de voltar e ir que é possível a construção da singularidade, que Alvim (2014) define como um processo que não vem de dentro e sim do contato com o campo, é o “como” cada um faz, a forma que se reconfigura a partir da fronteira de contato e que movimento de descoberta-e-invenção.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de ideias apresentadas neste trabalho nos leva a reafirmar a proximidade da Gestalt-terapia com as artes e, nesse sentido, que elas podem ser um importante meio de ligação entre o ser e o mundo, já que ultrapassando a compreensão intelectual, nos colocam em contato com o poder da contemplação, com o sensível, com a experiência estética e com a capacidade criativa e de renovação.

De maneira ilustrativa e lúdica, a obra de Nélida Piñon e a análise de Elódia Xavier nos propiciam a visualização de um movimento autêntico em direção a ajustamentos mais criativos e menos sintomáticos, sendo possível acompanhar a experiência da personagem, que é comum a todos os humanos, de busca de *awareness*, desse livre fluir da criação que permite um fluxo mais livre no encontro pessoa-mundo.

No que se refere à dimensão da corporeidade, também constatamos que a visão fenomenológico-existencial articulada à proposta de análise literária apresentada por Elódia Xavier nos permitiu ir além na apreensão do corpo e do movimento integrados na totalidade humana.

Foi possível perceber a partir da reflexão proposta por Elódia Xavier que a vivência de um “*corpo refletido*” vai ao encontro do que denominamos Introjeção na Gestalt-terapia. Entretanto, a escolha do conto *Finisterre* de Nélida Piñon que ilustrou o diálogo proposto entre a literatura e a Gestalt-terapia nos proporcionou mais do que a apreensão sobre um mecanismo de defesa, pois apresentou um movimento da personagem de saída das introjeções em direção a um caminho para a cura a partir do contato com as experiências de forma a assimilá-las e digeri-las, integrando a si e fazendo escolhas mais autênticas.

Muitas outras narrativas usadas por Elódia Xavier para pensar outros tipos de corpos poderiam servir como referência para ampliar a abrangência desse diálogo. No entanto, há que se reconhecer o alcance limitado do presente trabalho, que se encerra aguçando curiosidades sobre algumas variáveis não exploradas. Dentre elas destaco as questões culturais, históricas, sociais e familiares que impactam na vivência de ser um corpo feminino numa estrutura patriarcal e machista como a que vivemos.



Assim, é possível pensar este trabalho como um convite a futuras investigações que tenham como ponto de partida o corpo como sede do expressivo e como objeto de investigação a corporeidade, o feminino e as possíveis articulações entre as artes e a abordagem gestáltica.

**REFERÊNCIAS:**

- ALVIM, M. B. **A poética da experiência**. Gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- ALVIM, M. B. O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. v. 4, Editora Summus, São Paulo: 2016.
- ALVIM, M. B. O lugar do corpo em Gestalt-Terapia: dialogando com Merleau-Ponty. **Revista IGT na Rede**, v. 8, n. 15, p. 227-237, 2011. Disponível em: <<https://www.igt.psc.br/ojs/>> Acesso em: 02 ago. 2019.
- DE LUCCA, F. J. **A estrutura da transformação**. São Paulo: Summus, 2012.
- PERLS, F., HEFFERLINE, R., GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. Sao Paulo: Summus, 3ed, 1997 (original: 1951).
- PIÑON, N. **O calor das coisas** – Contos. Rio de Janeiro: Record, 3ed, 2008 (1ed - 1980).
- REHFELD, A. Corpo e Corporeidade: uma leitura fenomenológica. **Revista de Psicologia do Instituto de Gestalt de São Paulo**, n.1, 2004. Disponível em: <<http://fenoegrupos.com.br/2010/03/29/corpo-e-corporeidade-uma-leitura-fenomenologica/>> Acesso em: 13 set. 2019
- RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 7ed, 2017.
- SANTOS, A. R. A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. **Examapaku: Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais**. São Paulo. v. 1, n. 1. p. 1-10, 2008. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/examapaku/article/view/1466>> Acesso em: 20 jul. 2019.
- SPANGENBERG, A. **Gestalt Terapia**: um caminho de volta para a casa. Campinas: Livro Pleno, 2007.
- XAVIER, E. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Mulheres, 2007.